

“É SÓ UM ROMANCE!” (?)
O CÓDIGO DA VINCI
COMO APOLOGIA AO MOVIMENTO NOVA ERA

Carlos R. Caldas Filho

Introdução

Em 2004 surgiu um novo fenômeno literário, um mega sucesso de vendas: trata-se da obra *O Código da Vinci* (doravante, OCDV), do jovem romancista norte-americano Dan Brown. Aparentemente, apenas mais um bem sucedido escritor, como tantos que, de quando em quando, o mercado estadunidense faz aparecer. Entretanto, devido à natureza da obra, grandes e inflamadas polêmicas têm acontecido. Dan Brown tem conseguido incendiar paixões. Nada disso aconteceria não fora a contundente afirmação de Brown, antes do início de sua narrativa: “todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade”¹. Pois o que Brown faz é sistematicamente desconstruir o que, por dois milênios, tem sido patrimônio espiritual de cristãos de todas as tradições, no Oriente e no Ocidente.

¹ D. BROWN, *O Código da Vinci*, Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 12.

Não sem razão, o livro tem produzido candentes polêmicas e acesas discussões. Tarcisio Bertone, cardeal italiano, no início de março de 2005 pediu às livrarias católicas que não mais vendessem o livro. Além disso, o livro foi atacado no sermão de Sexta-Feira Santa de 2005, pregado na Basílica de São Pedro pelo padre Raniero Cantalamessa, cujo título oficial é “pregador da casa pontifícia”².

Mas, poder-se-ia argumentar, “é só um romance!”. Por que razão então perder tempo na produção de um artigo que visa argumentar contra um texto que está mais para um folhetim que para um tratado teológico? Tal esforço não seria um desperdício inútil de energia? Não seria mais proveitoso escrever sobre outras temáticas? De fato, a fantasia de Brown não é um livro de história, tampouco de teologia. Neste sentido, pode ser encarado apenas como fruição, como um livro para não ser levado a sério. Não obstante, o próprio Dan Brown não apresenta sua obra como simples texto para fruição dos leitores. Brown parece estar firmemente convicto que apresenta a verdade, e não apenas uma distração em sua obra. Contra tal perspectiva, o presente artigo pretende apresentar a obra de Brown não como um simples e inocente romance, mas como uma apologia do Movimento Nova Era (doravante, MNE). De fato, a pressuposição básica do presente artigo é que Brown está a fazer propaganda religiosa em seu livro, propaganda esta decididamente comprometida com princípios da espiritualidade do MNE e contra o depósito de fé de cristãos reformados, ortodoxos orientais, católicos e pentecostais.

1. Síntese da obra

Apresentar-se-á uma síntese da obra. Evidentemente, tal síntese é o que pretende ser: apenas uma síntese. Trata-se, portanto, de uma ousadia, apresentar em poucas linhas uma obra composta por 105 capítulos, antecédidos por um prólogo e seguidos de um epílogo, ao longo de 475 páginas.

A narrativa de OCDV, narrada em ritmo alucinante, conta sobre Robert Langdon, professor de simbologia religiosa na famosa Universidade de Harvard, nos Estados Unidos³, que está em Paris ministrando conferências. Langdon é acordado no meio da noite pela polícia francesa, que o convoca para prestar esclarecimentos sobre um estranho assassinato: Jacques Saunière,

² Sermão no Vaticano ataca “O Código Da Vinci”. Extraído de <http://br.news.yahoo.com/050325/5/stzn.html> [capturado em 25/03/2005]. A tradução em português traz, em inequívoco erro de tradução, “pregador do lar papal”.

³ Deve-se observar que não existe a disciplina “Simbologia Religiosa” em Harvard.

Curador do Museu do Louvre, fora encontrado morto naquela noite. Antes de morrer, Saunière conseguira deixar uma bizarra mensagem com seu próprio corpo, tendo pintado com seu sangue em seu abdômen o antigo símbolo do pentagrama, e um recado aparentemente óbvio, que incriminaria o professor norte-americano: “achem Robert Langdon”. Entra em cena Sophie Neveau, criptologista da polícia francesa, que quer ajudar Langdon a fugir. Mais tarde, fica-se sabendo que Sophie era neta de Saunière. A partir daí, são capítulos e mais capítulos de uma tensa fuga da polícia, ao mesmo tempo em que Neveau e Langdon envolvem-se na busca de um segredo supostamente secular: a supostamente verdadeira identidade do Santo Graal, que alimentou tantos mitos medievais. Enquanto isso, outros assassinatos vão acontecendo, por Silas, albino de estatura descomunal, ligado ao movimento católico-romano ultraconservador conhecido como Opus Dei, que também está na busca desesperada pela localização do Santo Graal. Tudo isso em meio a incontáveis e estonteantes “revelações” de um “sabichão” Langdon – o alter-ego de Brown? – a uma sempre estupefata Sophie sobre qual seria a verdadeira origem do cristianismo, e sobre qual seria a verdadeira religião ancestral da humanidade (que conforme Langdon/Brown, seria a religião do “sagrado feminino”), sobre os segredos do Priorado de Sião, antiga e secreta ordem que seria a guardiã do segredo do Graal, sobre a supostamente verdadeira atuação da Ordem dos Templários, e sobre a chave para o desvendamento deste incrível segredo, no famoso quadro *A Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, além de um verdadeiro dilúvio de informações sobre detalhes arquitetônicos de igrejas em Paris, e informações gerais sobre a cidade de Paris, sobre o Vaticano, e outros lugares na Europa ou em Nova Iorque (por exemplo, a sede da Opus Dei). Caminhando para o final do livro, outro personagem entra em cena: Hugh Teabing, milionário inglês radicado na França, que ajuda Langdon e Neveau, mas que será no fim revelado como o verdadeiro criminoso, pois manipulou para que a Opus Dei realizasse para ele os assassinatos. Conforme o livro, o Graal não seria o cálice onde Jesus teria tomado a Última Ceia, mas o útero de Maria Madalena, que teria concebido de Jesus. Este nunca passou de um mestre sábio, que jamais teria sido entendido como o Filho de Deus, e nunca pretendeu sê-lo. Tal entendimento teria sido obra do imperador Constantino, apenas no quarto século da era cristã. O Priorado de Sião teria a incumbência de proteger a descendência de Jesus e Madalena da Opus Dei. De acordo com Brown, Madalena teria viajado da terra de Israel ao que hoje é a França, onde desde então seus descendentes teriam vivido. A Opus Dei tentaria a todo custo impedir a revelação deste segredo. No fim, tudo termina bem, com a revelação de Teabing como a mente criminosa brilhante por trás dos assassinatos cometidos pelo homem da Opus Dei. Retiram-se as acusações contra Robert Langdon, que feliz, louva a “deusa”, o “sagrado feminino”, em cima do lugar em Paris onde Maria Madalena teria sido sepultada, abaixo da pirâmide de vidro localizada na entrada do Louvre.

2. O que sabemos sobre as origens do Cristianismo é verdade? Considerações sobre as teses de OCDV

Brown quer ser romancista e professor ao mesmo tempo. Esta confusão metodológica é, a um só tempo, a causa do sucesso e o “calcanhar de Aquiles” da obra. Portanto, não sem razão, em curto espaço de tempo, vários livros foram publicados em refutação das teses advogadas por Brown⁴. Ao mesmo tempo, há livros que pretendem defender as posições que Brown adota⁵.

Apresentar-se-ão a seguir, posto que em síntese, apenas algumas das teses que Brown defende e divulga em OCDV, seguidas de reflexões críticas sobre as mesmas. As teses de Brown serão apresentadas de modo aleatório, sem uma seqüência lógica preestabelecida. Tal não será feito de modo exaustivo, pois a apresentação e refutação de cada uma daria um artigo completo. A ênfase maior deste artigo recairá no aspecto da apologia de princípios do Movimento Nova Era na obra de Dan Brown.

2.1 As fontes de Brown em OCDV

Que fontes teriam inspirado Brown para a produção de sua obra? Ele afirma que há “milhares” de livros que defendem o ponto de vista que expõe em OCDV. Na verdade, Brown não é original. Não há tampouco “milhares” de obras que defendam as teses que advoga em OCDV. As idéias básicas de OCDV são extraídas das obras de Baingent, Leigh e Lincoln (1993; 1994). A influência destes autores em OCDV é tamanha que “em outubro de 2004, Baigent e Leigh processaram a editora de Dan Brown, afirmando que *O Código da Vinci* plagiara ‘todo o quebra-cabeça’ do livro deles”⁶. Quando lançadas, no exterior e no Brasil, estas obras foram execradas por historiadores, cristãos e não cristãos, devido ao imenso número de distorções que apresentam. Vários críticos tacharam especialmente a obra de 1993 de “pseudo-história”. Portanto, não tiveram grande influência. Mas há que se observar que as obras deste trio constituem-se em ameaça muito mais séria ao Cristianismo histórico, por serem apresentadas com ares de (suposta) seriedade acadêmica, e não como ficção, como é o caso de OCDV. No Brasil, como visto, o impacto e a influência destas obras ficaram minimizados. No

⁴ Dentre tantos, podem-se citar: WELBORN (2004), uma especialista em História da Igreja, LUTZER (2004), teólogo, e BOCK (2004), biblista, com especialização em Novo Testamento.

⁵ M. BAINGENT, R. LEIGH, H. LINCOLN, *O Santo Graal e a linhagem sagrada*, São Paulo: Nova Fronteira, 1993; *A herança messiânica*, São Paulo: Nova Fronteira, 1994. M. LUNN, *Revelando o Código da Vinci*, São Paulo: Madras, 2004.

⁶ M. HAAG, V. HAAG, *O Código da Vinci*, Rough Guide. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2005, p. 207.

entanto, as mesmas teses apareceram com força anos mais tarde, em OCDV. Brown conseguiu a popularidade que Baigent, Leigh e Lincoln não conseguiram. Isto torna a obra de Brown “perigosa” – nem tanto pela ficção em si, mas por veicular, pela ficção, ensinamentos, com uma aura de respeitabilidade acadêmica, que são completamente contrários ao patrimônio de fé do cristianismo ortodoxo em seus dois mil anos de caminhada. Mais que isso, por veicular informações comprovadamente falsas e destituídas de base como se fossem fatos verídicos.

Outra fonte que Brown usa à farta é a obra de Picknett e Prince⁷, da qual extrai a noção de que haveria um “código” oculto em telas de Leonardo da Vinci. A respeito desta influência em Brown foi dito:

Assim, quando Dan Brown escreve que, naquela pintura (*A Última Ceia*) a figura de João é na verdade Maria Madalena. Que essa figura e Jesus estão “unidos pelo meio de seus copos”; que os dois juntos configuram um M na composição: que uma mão desprovida de corpo brande um punhal – tudo isso, e mais, origina-se de *A Grande Heresia*. Além de regurgitar tal fatura de distorções, Dan Brown repete de *A Grande Heresia*, sem contestação, o comentário de que não há sobre a mesa nenhum cálice, nenhum graal, ao contrário do que relata o Novo Testamento – desconsiderando o fato de que Leonardo estava pintando uma cena, do Evangelho de João, em que a ceia já acabou e a mesa já foi praticamente tirada⁸.

Em suma: Brown lança mão de várias fontes para a composição de OCDV⁹. O que há em comum nestas fontes é seu aspecto “alternativo”, e ao mesmo tempo, de uma “teoria da conspiração” – defendem que o cristianismo ortodoxo promoveu uma conspiração contra o que seria o verdadeiro cristianismo. Na verdade, o que fazem é uma “conspiração reversa” – uma conspiração contra o verdadeiro cristianismo.

2.2 A importância dos textos gnósticos na compreensão das origens do Cristianismo

A tendência atual em determinados setores da academia teológica, principalmente nos Estados Unidos da América, é hipervalorizar a importância dos textos gnósticos na compreensão das origens do cristianismo, ao mesmo tempo em que minimiza o valor dos evangelhos canônicos. É uma tendência

⁷ L. PICKNETT, C. PRINCE, *A grande heresia: o segredo da identidade do Cristo*, São Paulo: Beca, 2000.

⁸ M. HAAG, V. HAAG, *op. cit.*, p. 202.

⁹ Para uma lista completa das fontes que serviram de inspiração a Brown, consultar M. HAAG, V. HAAG, *op. cit.*, pp. 201-213.

estranha, porque, assim como os textos conhecidos como “deuterocanônicos” do Antigo Testamento jamais foram aceitos ou lidos na sinagoga, os textos chamados gnósticos ou apócrifos do Novo Testamento jamais foram aceitos ou lidos pela Igreja primitiva. Tais textos apontam para um desvio da corrente cristã majoritária. Ademais, os evangelhos gnósticos estão longe de ser os mais antigos documentos do cristianismo¹⁰. Ademais, os gnósticos apresentam uma teologia completamente diferente da exposta nos canônicos. Um único exemplo, à guisa de ilustração e comprovação do que se afirmou: no famoso “Evangelho de Tomé”, o *logion* 50 diz:

Disse Jesus:
Se vos perguntarem: donde sois?
Respondereis: nós nascemos da luz,
Do lugar onde a luz se faz a si mesma¹¹.

Este trecho, conquanto pequenino, é suficiente para apresentar algumas radicais diferenças em relação à teologia dos evangelhos canônicos. Totalmente diferente é o que se encontra no evangelho canônico de João – no quarto evangelho, é dito que Jesus é o Verbo de Deus, que desceu ao mundo, veio em carne, para revelar a Deus (Jo 1,1.14.18), e que Ele é a luz do mundo (Jo 8,12). Não há nada no Evangelho de João (nem em qualquer outro lugar do Novo Testamento) que dê base para a afirmação que a criatura humana seja “luminosa” ou portadora de uma “centelha divina” como sugere o *logion* 50 do Evangelho de Tomé¹². Tal visão do ser humano está mais para hinduísta que para cristã¹³. O gnosticismo era, de fato, esotérico, não cristão¹⁴. Percebe-se que em OCDV, Brown segue esta opção metodológica altamente contestável, de transformar os apócrifos do Novo Testamento em uma espécie de fonte para sua obra. No capítulo 58, Teabing apresenta um trecho de evangelhos gnósticos para Sophie. O que vem a seguir chega a ser

¹⁰ Para uma introdução ao estudo dos evangelhos apócrifos, consultar, *inter alia*, H.F. VOS, Apócrifos do Novo Testamento. In: W. ELWELL (ed.), *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Volume I, São Paulo: Vida Nova, 1988, pp. 96-97; L. RAMOS (org.), *Fragmentos dos Evangelhos Apócrifos*, Petrópolis: Vozes, 4ª edição, 1998, pp. 9-21; L. MORALDI, *Evangelhos apócrifos*, São Paulo: Paulus, 1999, pp. 11-54.

¹¹ Cf. *O Evangelho de Tomé*. Traduzido e comentado por Jean-Yves Leloup, Petrópolis: Vozes, 8ª edição, 2004, p. 129.

¹² Para detalhes quanto à diferenças entre a teologia exposta nos evangelhos canônicos e a dos gnósticos, consultar, *inter alia*, E. PAGELS, *The Gnostic Gospels*, New York: Randon House, 1979, pp. 121-123.

¹³ Alguns ditos (*logia*) de evangelhos gnósticos fazem lembrar mais ditos do tipo *koan* do budismo *zen* que textos cristãos propriamente.

¹⁴ Quanto ao gnosticismo, consultar, *inter alia*, G.L. BORCHERT, “Gnosticismo”, in W. ELWELL (ed.), *op. cit.*, pp. 202-206; M. MAIA, *Evangelhos gnósticos*, São Paulo: Mercury, 1992, pp. 9-19; P. JONES, *A ameaça pagã*, São Paulo: Cultura Cristã, 2002, pp. 82-84.

espantoso para quem um conhecimento, posto que microscópico, de isagogé neotestamentária:

- São fotocópias dos manuscritos de Nag Hammadi e do mar Morto, que mencionei antes – disse Teabing. – Os mais antigos registros cristãos. Estranhamente, eles não coincidem com os evangelhos que temos na Bíblia. – Folheando a parte central do livro, Teabing apontou para um trecho. – O Evangelho de Filipe sempre é um bom ponto de partida. Sophie leu o trecho: E a companheira do Salvador é Maria Madalena. Cristo amava-a mais do que a todos os discípulos e costumava beijá-la com freqüência na boca. O restante dos discípulos ofendia-se com isso e expressava sua desaprovação. Diziam a ele: “Por que tu a amas mais do que a nós todos?”¹⁵

Ou Brown propositalmente faz mal uso das fontes, ou então, está muito desinformado. As afirmações que faz por meio de Teabing são completamente descabidas. Os Manuscritos do Mar Morto (MMM) são muito anteriores ao Novo Testamento¹⁶. Já os manuscritos de Nag Hammadi não são de modo algum “os mais antigos registros cristãos”. É lógico que não coincidam com “os evangelhos que temos na Bíblia”. Além disso, Brown não é muito preciso em sua citação do Evangelho (Gnóstico) de Filipe¹⁷. A edição crítica dos evangelhos apócrifos em alemão (vale dizer que é a edição clássica para estudos do tema) diz:

55b. der S[oter lieb]te [Ma]ria Mag[da]lena mehr als [alle] Jüng[er, und er] küß[te] sie [oft] mals auf ihren [Mund].

Na verdade, o texto diz: “o S[alvador amava] [Ma]ria Mag[da]lena mais do que [todos] seguido[res, e Ele] beij[ava]-ja [freqüentes] vezes na sua [boca]”¹⁸. Não se sabe exatamente qual seria a última palavra. De acordo com o texto gnóstico, onde Jesus beijava Madalena? Na face? Na mão? Na testa? Só há

¹⁵ BROWN, OCDV, p. 263.

¹⁶ Para uma introdução antiga, porém útil (e séria), ao tema dos MMM, consultar C. G. HOWIE, *The Dead Sea Scrolls and the Living Church*, Richmond: John Knox Press, 1958. Para uma pesquisa em fontes mais atualizadas, consultar, *inter alia*, A.N. LOPES, *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve da história da interpretação*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, pp. 65-78; F. SCHMIDT, *O pensamento do Templo: de Jerusalém a Qumran*, São Paulo: Loyola, 1998, pp. 123-149; J. POUILLY, *Qumrã*, São Paulo: Paulinas, 1992; H. SHANKS (org.), *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto*, Rio de Janeiro: Imago, 4ª edição, 1993; N. GOLB, *Quem escreveu os Manuscritos do Mar Morto?*, Rio de Janeiro: Imago, 1996; F. GARCÍA MARTÍNEZ, J. TREBOLLE BARRERA, *Os homens de Qumran: literatura, estrutura e concepções religiosas*, Petrópolis: Vozes, 1996.

¹⁷ Para o texto do Evangelho de Filipe em inglês consultar <http://www.gnosis.org/naghamm/gop.html>.

¹⁸ W. SCHNEEMELCHER, *Neutestamentliche Apokryphen*. 6. Auflage. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1990, p. 161. Registro aqui minha gratidão ao Prof. Dr. Paulo José Benício, colega de docência no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UPM, que me auxiliou na tradução do texto em alemão.

conjecturas¹⁹. Um leitor tendencioso colocará literalmente o que desejar no restante do texto, para (supostamente) embasar sua teoria. Ademais, Brown também afirma que o Evangelho de Filipe foi escrito em aramaico²⁰. Na verdade, a língua original do Evangelho de Filipe, texto da Biblioteca de Nag Hammadi, é o copta, a antiga língua do Egito, não o aramaico.

2.3 O Graal

Brown em sua obra defende que o famoso “Santo Graal”, ao contrário do que se pensa, não seria o cálice onde Jesus celebrou a última ceia, mas o útero de Madalena, que teria concebido de Jesus. O casal, conforme Brown, teve uma filha que recebeu o nome de Sara. Brown alega que a descendência de Jesus e Madalena é a raiz da família real merovíngia francesa, que, aliás, teriam sido os fundadores da cidade de Paris²¹. Só que não há qualquer base histórica para tal afirmação – Paris já existia no século III a.C. Os merovíngios apenas tornaram Paris sua capital em 508 d.C.²². Brown defende que a origem etimológica de “Santo Graal” seria *sang real* – “sangue real”. Nenhum estudo etimológico sério confirma a explicação dada por Brown.

Não há dúvida que o Graal é um dos mais conhecidos mitos literários da cultura ocidental. Mas não há nenhuma fonte séria que aponte para o Graal como símbolo, referência ou alusão ao útero de Maria Madalena ou qualquer indicação que se refira ao “sagrado feminino” ou à “religião da deusa”, como quer Brown. Zink²³ faz um estudo aprofundado e detalhado da “arqueologia” do Graal enquanto mito literário. Em seu estudo, Zink não encontra em nenhuma fonte medieval absolutamente nada que aponte para a direção sugerida por Brown. Em toda a Idade Média, simplesmente não existe nada que ao menos de longe sugira o que Brown defende em seu texto. É curioso observar que Umberto Eco, *scholar*, medievalista e literato de escol, em seu romance *Baudolino*²⁴ apresenta a busca pelo Graal, chamado em seu livro sempre de “Greal”. Mas Eco conforma-se a visão tradicional do Graal

¹⁹ Em novembro de 2004 o Dr. Louis Painchaud, autoridade no estudo das origens cristãs e em literatura gnóstica, professor de história da literatura cristã antiga na Faculdade de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Laval no Canadá, fez palestras a respeito na Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em uma de suas preleções, questionado sobre o Evangelho de Filipe, afirmou categoricamente que, ao contrário do que pretendem alguns, não há nada em qualquer dos textos gnósticos que aponte para relacionamento sexual entre Jesus e Maria Madalena.

²⁰ BROWN, OCDV, p. 263.

²¹ BROWN, OCDV, p. 274.

²² Cf. WELBORN, *op. cit.*, p. 15.

²³ ZINK, “O Graal, um mito de salvação”, in B. BRICOUT (org.), *O olhar de Orfeu: os mitos literários do Ocidente*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 63-90.

²⁴ U. ECO, *Baudolino*, Rio de Janeiro: Record, 2001.

como o cálice usado por Jesus na noite que antecedeu sua crucificação. Assim, não há dúvida que Eco é verdadeiramente fiel ao espírito do imaginário medieval, enquanto Brown faz ficção a partir de uma ficção.

2.4 Os Cavaleiros Templários e o Priorado de Sião

Brown cita várias vezes em seu livro a famosa ordem dos Cavaleiros Templários. Cita também uma misteriosa entidade, conhecida como Priorado de Sião, que teria como missão a proteção da família de Jesus dos ataques da Igreja Católica Apostólica Romana. De acordo com Brown, o Priorado venera Maria Madalena “como a Deusa... e a Divina Mãe” (OCDV, p. 272).

Qualquer medievalista com um mínimo de seriedade acadêmica sabe que a ordem dos Templários nunca teve nada a ver com uma defesa dos descendentes de Jesus de ataques perpetrados pelo Vaticano. Os Templários jamais tiveram outro objetivo a não ser proteger as rotas de peregrinação na “Terra Santa” – e peregrinos cristãos – de ataques de salteadores ou malfeitores muçulmanos²⁵. Demurger²⁶ (2002) faz amplo e minucioso estudo sobre as ordens militares medievais, no período que vai do século XI ao XVI. Em seu levantamento histórico, Demurger fala de ordens como Templários, Teutônicos, Hospitalários, de São Lázaro, e outras menores e, por isso mesmo, menos conhecidas, como a Cavalaria da Bem-aventurada Virgem Maria, a Ordem da Paixão, e várias outras. A obra de Demurger é rica em detalhes sobre o contexto das ordens militares e suas atividades. Não há uma única palavra no texto de Demurger sobre a suposta verdadeira razão de ser dos Templários no entendimento de Dan Brown, que seria a guarda de um suposto segredo milenar que, se revelado, jogaria por terra o cristianismo²⁷.

Já o Priorado de Sião (*Prieuré de Sion*) realmente existiu – foi organizado em 1956 por Pierre Plantard (falecido em 2000) e mais três amigos²⁸. O curioso é que Plantard foi processado na França na década de 1960 por falsificação

²⁵ Para uma apresentação honesta e bem fundamentada historicamente sobre a atuação das ordens militares cristãs do período medieval, consultar, *inter alia*, M. WALSH, *The Warriors of the Lord: the Military Orders of Christendom*, Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

²⁶ A. DEMURGER, *Os Cavaleiros de Cristo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. A respeito do mesmo tema, consultar também R. FUTTHARK, *A misteriosa Ordem Templária dos monges e Cavaleiros da Luz*, Lisboa: Ésquilo, 2004. Nesta obra, o autor também nada afirma que embasa a tese de Brown sobre os templários em OCDV.

²⁷ Para uma refutação bem fundamentada da opinião de Brown sobre os Templários, vazada em linguagem bem humorada e comunicativa, consultar M. HAAG, V. HAAG, *op. cit.*, pp. 94-97.

²⁸ Para detalhes da verdadeira história do Priorado de Sião, consultar <http://bmotta.planetaclix.pt/prieure.html>

de documentos históricos²⁹. Não há nenhuma evidência de base histórica real para o que Dan Brown afirma sobre o Priorado de Sião em OCDV. Por exemplo: ao contrário do que afirma Brown, com toda certeza, Leonardo da Vinci, Sandro Botticelli, Isaac Newton e Victor Hugo não foram grão-mestres da instituição. Pois simplesmente não havia Priorado de Sião no tempo deles. Tampouco não há na *Bibliothèque Nationale* de Paris os famosos documentos que Brown chama de *les Dossiers Secret* (Dossiês Secretos), que dariam conta da organização do Priorado em 1099. Portanto, o que Brown afirma categoricamente como sendo fato verídico é apenas ficção, e não história.

Ainda quanto ao Priorado de Sião, é preciso apontar para outra incoerência literária e histórica absurda no enredo de OCDV: Brown afirma que o Priorado é secular, e que a organização católico-romana Opus Dei³⁰ é sua grande adversária. Se fosse verdade, como explicar que a Opus Dei só foi organizada no século XX?³¹.

3. A defesa da espiritualidade do movimento Nova Era³² em OCDV

Nos inícios dos anos de 1990 falava-se muito na “ameaça” da Nova Era em igrejas evangélicas do Brasil. Era muito comum, por exemplo, acampamentos de jovens com este tema e artigos em periódicos evangélicos que apre-

²⁹ O lado nada oculto das sociedades secretas. *Terra*. Abril 2005, no 156, p. 67.

³⁰ Tecnicamente, a Opus Dei é uma prelazia papal, isto é, uma entidade submissa diretamente ao próprio Papa, e não ao bispo diocesano ou ao superior da ordem, no caso das ordens religiosas.

³¹ Para uma biografia do fundador da Opus Dei, consultar A. VÁSQUEZ DE PRADA, *José Maria Escrivá*, Lisboa: Verbo, 2002. Evidentemente não há na referida biografia nada quanto ao embate da Opus Dei contra o Priorado de Sião, pois tal embate só existe na ficção de Brown. Para uma análise crítica sóbria e séria (conquanto por demais reduzida) da Opus Dei, consultar G. URQUHART, *A armada do Papa: os segredos e o poder das novas seitas da Igreja Católica*, Rio de Janeiro: Record, 2002, pp. 169-170, 448-450.

³² É mais que abundante uma bibliografia crítica a respeito do MNE. Uma bibliografia sugestiva a respeito deve incluir, *inter alia*: R. TUCKER, *Another gospel: alternative religions and the New Age Movement*, Grand Rapids: Zondervan, 1989; C. DEHREZ (S.J.), *Nouvel Age et nouvelles religiosités*, Namur: Fidelités, 1990; D.R. GROOTHUIS, *Unmasking the New Age*, Downers Grove: Intervarsity Press, 1991; R. BERGERON, *Le Nouvel Age en Question*, Paris: Paulines, 1992; M. ANGLARÈS, *Nueva Era y fe cristiana*, Madrid: San Pablo, 1992. J. CARLOS GIL, J. ANGEL NISTAL, “New Age” – *una religiosidad desconcertante*, Barcelona: Herder, 1994; W. MARTIN, *Como entender a nova era*, São Paulo: Vida, 1995. F. MARTÍNEZ DIEZ, *A nova era e a fé cristã*, São Paulo: Paulus, 1997. C. MACCARI, A.M.L. SOARES, *A nova era diante da fé cristã*, Aparecida: Santuário, 1997.

sentavam uma apologética cristã aos pressupostos e temas do MNE. Mas, afinal de contas, o que é “Nova Era?” Definição concisa e elucidativa é oferecida por Manuel Vasquez, que assim define o MNE:

A expressão “Nova Era” é como um guarda-chuva sob o qual se abrigam filosofias, crenças, práticas, e ensinos baseados nas religiões místicas orientais (Hinduísmo, Budismo, Zen-Budismo, filosofia Taoísta Chinesa), Ocultismo ocidental e secularismo humanista. Denomina-se “Nova Era” porque, de acordo com os ensinos da astrologia, a cada 2.000 anos uma nova era se inicia. Estamos agora saindo da Era de Peixes e entrando na Era de Aquário³³.

Percebe-se que a expressão “Nova Era” é uma rubrica debaixo da qual se abriga uma quantidade impressionante das mais variadas tendências espirituais, místicas e esotéricas, como a religiosidade tradicional de grupos indígenas da América do Norte, antigas tradições druídicas, técnicas de psicologia popular, meditação transcendental e diversos outros elementos de religiosidades orientais, e várias outras. Outra definição operacional do MNE é apresentada por Stott:

A mais extraordinária de todas as tendências religiosas recentes talvez seja o surgimento do movimento Nova Era no Ocidente. Trata-se da mistura bizarra de diversas crenças, incluindo religião e ciência, física e metafísica, panteísmo antigo e otimismo evolucionista, astrologia, espiritismo, reencarnação, ecologia e medicina alternativa³⁴.

Pouco adiante, Stott apresenta lamento a respeito de tal situação, que merece ser reproduzido:

Para mim, é uma grande tragédia que muitos homens e mulheres modernos, na busca por transcendência, se voltem para as drogas, para o sexo, para a ioga, para as seitas e para a Nova Era. Em vez de voltarem-se para Cristo e para a sua igreja, onde se deveria experimentar cultos de adoração verdadeiramente transcendentais e desfrutar de um encontro íntimo com o Deus vivo³⁵

Marylin Ferguson, uma das principais expoentes do movimento, falava em uma “conspiração aquariana”, linguagem que decerto alimentou uma fobia em mentes evangélicas bem intencionadas, mas que chegava não raro às raias da paranóia, pelo medo que tinham que todas as estruturas de poder e organizacionais do mundo viessem a ser tomadas por adeptos do MNE:

Procura-se em vão por uma afiliação em suas formas tradicionais: partidos políticos, grupos ideológicos, clubes ou fraternidades. Em lugar de tudo isso, o que se encontra são redes e pequenos agrupamentos. Há dezenas

³³ M. VASQUEZ, *O Movimento da Nova Era e a saúde holística*, Revista Teológica. SALT-IANE, v.3, n. 2 (1999) 3.

³⁴ J. STOTT, *Porque sou cristão*, Viçosa: Ultimato, 2004, p. 111.

³⁵ J. STOTT, *op. cit.*, p. 113.

de milhares de pontos de acesso à conspiração. Onde quer que haja pessoas compartilhando experiências mais cedo ou mais tarde elas se ligam umas às outras e, por fim, formam círculos maiores. Seu número cresce a cada dia³⁶.

Observa-se na fala de Ferguson o aspecto fluido e informal dos partidários do MNE. Tal aspecto torna em certo sentido difícil uma análise de princípios do MNE em OCDV. Não obstante, é possível pensar em pelos menos dois aspectos tipicamente “Nova Era” encontrados no folhetim de Brown. Estes elementos, interligados e interdependentes em OCDV, são a defesa do “sagrado feminino” e a releitura do ensino a respeito de Jesus. Para efeitos de clareza didática, serão apresentados de modo separado.

3.1 A defesa do “sagrado feminino” em OCDV

Um traço inegavelmente “aquariano” em OCDV é a defesa do “sagrado feminino”. Conforme Brown, o culto do que chama simplesmente de “deusa” teria sido a primeira expressão religiosa da raça humana. Esta religião, evidentemente é pré-cristã e centrada na natureza. É portanto, religião não messiânica e destituída do conceito de revelação, que encontra no sexo feminino um símbolo óbvio da fecundidade da terra³⁷. Antes de prosseguir, necessário se faz apresentar um conceito importante para o entendimento da proposta que efetivamente Brown está a defender em OCDV – trata-se do conceito do que convenientemente pode ser chamado de “neopaganismo”. Carl Braaten assim define este conceito:

“Neopaganismo” é uma palavra usada de maneiras fortemente impressionistas. Algumas vezes é usada para qualquer coisa oposta ao Cristianismo. Eu uso o termo para me referir a modernas variações que abrangem crenças de religiões de mistério pré-cristãs, que uma centelha ou semente divina é inata à alma humana individual. O caminho da salvação é voltar-se para dentro “entrar em contato consigo mesmo”, como se diz hoje³⁸.

A bem da verdade, há que se destacar que existem divergências teóricas entre defensores clássicos da Nova Era e praticantes do neopaganismo. A diferença básica é a seguinte: enquanto aquarianos clássicos esperam o advento de uma Nova Era no futuro, os neopagãos pretendem reviver o que supõem ter sido a religião de seus ancestrais. No entanto, ambos os pontos de vista concordam na rejeição do cristianismo com seu conceito de revela-

³⁶ M. FERGUSON, *A conspiração aquariana*, Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 25.

³⁷ Para uma refutação bem fundamentada das teses de defensores da “espiritualidade da deusa”, que alegam ser este culto a religião primordial da humanidade, consultar P. DAVIS, *Goddess Unmasked: the rise of neopagan feminist spirituality*, Dallas: Spence Publishing, 1998, *passim*. Davis argumenta de modo convincente como apenas no século XIX surge a idéia que a religião primordial da humanidade teria sido o “culto da deusa”, e que esta opinião é simplesmente infundada e inverídica.

³⁸ BRAATEN in BRAATEN & JENSON (1995, 7).

ção e da unicidade de Jesus Cristo em seu papel como mediador entre Deus e os homens. Dan Brown advoga explicitamente o culto ao sagrado feminino – a “deusa” – em sua obra. A religião da “deusa” cultua a própria terra, que passa a ser entendida como tendo vida e como sendo divina em si. A deusa terra é geralmente conhecida como “Gaia” ou “Grande Mãe”, “Deusa Mãe” ou simplesmente, como faz Dan Brown em *OCDV*, “a deusa”. Daí, via de conseqüência, vem uma rejeição completa da tradição judaico-cristã ortodoxa que, conforme a crítica neopagã, seria representativa de um culto machista, patriarcal, opressivo, autoritário e intolerante, que precisa ser abolido. Tais elementos de exacerbação da figura masculina e conseqüente rejeição da figura masculina têm sido cada vez mais comuns em diferentes setores na sociedade contemporânea. Exemplo é a ênfase, praticamente um culto, à *Sofia*, (literalmente, “sabedoria”), que tem sido apresentado como “alternativa” à visão tradicional de Deus, entendida como “patriarcal”. Há que se lembrar que, em contextos que trabalham com este pressuposto intelectual, a palavra “patriarcal” é pejorativa ao extremo. Por “patriarcal”, conforme postulados de uma teologia feminista radical, entenda-se, como já afirmado, o que é autoritário e não democrático. A superênfase em Sofia tem conseguido estar presente em setores de denominações do protestantismo *mainline* e da Igreja Católica Apostólica Romana nos Estados Unidos da América³⁹.

No livro de Brown, Maria Madalena é vista como uma espécie de sacerdotisa do culto da deusa. Evidentemente, Madalena também passa por uma revisão radical na pena de Brown. Pois não há nada nos evangelhos canônicos que dê base para que se pense em Madalena como líder de um antigo culto matriarcal da natureza. Nas palavras de Welborn,

Não há nada na realidade que conste das Escrituras sobre Maria Madalena ou no modo como ela tem sido tratada na tradição cristã oriental ou ocidental que apóie qualquer coisa que Brown afirme⁴⁰.

A exacerbada ênfase que Brown dá a Madalena em seu livro é outra característica do recente MNE encontrada em seu livro. Na verdade, é a versão *pop* de uma tendência acadêmica já com tradição em departamentos de religião de importantes universidades estadunidenses. As teorias de acadêmicas partidárias de uma teologia feminista radical (como Rosemary Radford Ruether ou Riane Eisler) ou pseudoteólogas (como Margaret Starbird⁴¹)

³⁹ Para detalhes da superênfase em Sofia no panorama religioso estadunidense contemporâneo, consultar, *inter alia*, JONES, *op. cit.*, pp. 173-210.

⁴⁰ WELBORN, *Decodificando da Vinci*, p. 78.

⁴¹ Brown cita explicitamente em *OCDV* um livro de Starbird (Sophie Neveu o vê na biblioteca de Leigh Teabing) que foi publicado no Brasil em 2004. Starbird faz sem dúvida “pseudoteologia” quando lança mão de numerologia para concluir (*sic*) que Madalena era adorada como deusa pelo cristianismo primitivo.

provavelmente nunca seriam conhecidas de um grande público. Não se pode deixar de mencionar que tais obras buscam nos evangelhos gnósticos a base para suas afirmações. O pressuposto operacional e teórico básico desta nova tendência acadêmica é simples de se formular – faz-se uma construção teológica a partir da rejeição dos evangelhos canônicos e da aceitação dos evangelhos gnósticos, que passam a ser autoritativos⁴². O que se faz em OCDV é uma apropriação acrítica e popularização de tais idéias. Nesta perspectiva, tanto as obras verdadeiramente acadêmicas como as apenas tingidas por leve verniz de pesquisa científica descobrem em Madalena o ícone de uma causa. Talvez seja possível entender o que está acontecendo a partir de um exame na cultura estadunidense como um todo, que é mais matriarcal e feminista que parece. Consciente ou inconscientemente, há mentes brilhantes em setores da academia estadunidense, e também astutos caça-níqueis que encontram convergência na tendência de rejeitar o tradicional papel da figura masculina na sociedade, e na exacerbação da figura feminina⁴³.

A argumentação “pró-sagrado feminino” em OCDV peca também por uma tremenda omissão: não há em nenhum momento no livro de Brown nenhuma referência à figura de Maria, mãe de Jesus. Lendo Brown, fica a impressão que Maria mãe de Jesus jamais teve importância, por mínima que seja, na história da devocionalidade cristã. Não se pode deixar de observar, em uma perspectiva da história das idéias religiosas, que Maria, mãe de Jesus, a partir do século XII tem sido objeto de culto⁴⁴. Mesmo antes, no período patrístico, conquanto que não com a mesma intensidade do período medieval, já havia uma piedade marial⁴⁵. Estes fatos, ignorados (intencionalmente?) por Brown lançam por terra sua tese de que teria havido uma perversa conspiração masculina e machista para abafar o “culto da deusa”.

⁴² O irônico é que freqüentemente partidários desta tendência acusam teólogos comprometidos com a ortodoxia teológica cristã tradicional de “fundamentalismo”. Mas não percebem que, na prática, conscientemente ou não, praticam um “fundamentalismo” com os evangelhos gnósticos.

⁴³ Observe-se que nos popularíssimos “desenhos animados” (*cartoons*) estadunidenses, praticamente patrimônio da cultura *pop* em todo o planeta, não raro a figura do marido, do pai, é apresentada de maneira a ridicularizar o homem – com bom humor e descontração, personagens mais que conhecidos como Fred Flintstone e George Jetson são trabalhadores e honestos, mas trapalhões, desastrados e incompetentes, além de nunca tomarem em suas mãos verdadeiramente as rédeas de seus respectivos lares.

⁴⁴ Cf. J. LE GOFF, *Os intelectuais na Idade Média*, Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, pp. 111-112. Para um estudo do papel de Maria mãe de Jesus na história das idéias, consultar J. PELIKAN, *Mary through the Centuries: her place in the history of culture*, New Haven: Yale University Press, 1996, *passim*.

⁴⁵ Cf. J.N.D. KELLY, *Early Christian Doctrines*, London: Adam & Charles Black, 1977, pp. 491-499.

O aspecto mais bizarro e grotesco da defesa do “sagrado feminino” em OCDV está na afirmação que havia no Israel dos tempos do Antigo Testamento, um culto no qual o momento central da “liturgia” do Templo de Jerusalém seria uma relação sexual ritual (*hieros gamos*) que repetiria a “união” entre o próprio Deus “e sua poderosa consorte feminina, Shekinah”. Prosseguindo, apresenta-se uma estranhíssima etimologia do nome sagrado YHWH: conforme o autor de OCDV, o nome sagrado seria derivado de Jeová, uma união física andrógina entre o masculino, *Jah*, e o nome feminino pré-hebraico de Eva, *Havah*. Nenhum estudioso do Antigo Testamento ou da história da religião de Israel, do ultraliberal ao ultraconservador, jamais fez tal afirmação. E por uma razão simples por demais: jamais aconteceu em Israel o que Brown afirma. Com tal afirmação, Brown só deixa claro que nunca estudou hebraico nem Antigo Testamento. Se o tivesse feito, não teria afirmado o que afirmou. Pois qualquer aluno do primeiro período de um curso de hebraico bíblico sabe que não há base ou a mínima razoabilidade nas teses de Brown.

Em síntese: a tentativa de elevar Maria Madalena ao papel de “esposa” de Jesus em OCDV está na verdade transformando-a em objeto sexual⁴⁶. Assim, Jesus não valoriza Madalena pela pessoa que é (como aparece nos evangelhos canônicos), mas apenas por sua condição de objeto sexual. Esta defesa do “sagrado feminino”, tipicamente característica da espiritualidade do MNE, é destituída de bases acadêmicas e lógicas. Além de ser também, na prática, um desrespeito à figura feminina, por reduzi-la à condição de mero objeto sexual.

3.2 Quem foi Jesus?

“Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15). Poucas perguntas na história da humanidade têm recebido tantas respostas diferentes como esta. O contexto da passagem mostra como já nos dias de Jesus havia grande quantidade de respostas (v. 14). Desde então, muitas respostas exóticas e heterodoxas têm sido formuladas.

Dan Brown em OCDV faz uma revisão radical também da pessoa de Jesus. Conforme o livro, Jesus foi um mestre, apenas um mestre, e nunca teria desejado ser entendido de maneira diferente. Assim, Brown institui uma separação entre Jesus e Cristo – para Brown Jesus não é o Cristo, o Messias. Isto é seguramente uma perspectiva do MNE em estado quimicamente puro⁴⁷. A opinião de Brown simplesmente não faz sentido. Contra posições seme-

⁴⁶ Devo esta observação à Profa. Ms. Jacqueline Zirolto Dolghie, colega de docência na Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

⁴⁷ Cf. W. MARTIN, *op. cit.*, p. 114; JONES, *op. cit.*, p. 193.

lhantes C. S. Lewis argumentou com a clareza e a objetividade que lhe eram peculiares:

Um homem que fosse só homem, e dissesse as coisas que Jesus disse, não seria um grande mestre da moral: seria ou um lunático, em pé de igualdade com quem diz ser um ovo cozido, ou então seria o Demônio. Cada um de nós tem que optar por uma das alternativas possíveis. Ou este homem era, e é Filho de Deus, ou então foi um louco, ou algo pior. Podemos contra-argumentá-lo taxando-o de louco, ou cuspir nele e matá-lo como um demônio. Ou podemos cair a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não venhamos com nenhuma bobagem paternalista sobre Ele ser um grande mestre humano. Ele não nos deu esta escolha. Nem nunca pretendeu.⁴⁸

Deste modo, pode-se dizer que em OCDV há uma cristologia enfraquecida. Tal cristologia diluída tem sérios problemas. É curioso observar o que a este respeito foi afirmado por Dietrich Bonhoeffer:

A rejeição da cristologia é característica do todo da teologia norte-americana contemporânea. O cristianismo resume-se basicamente à religião e ética na teologia norte-americana. Consequentemente, a pessoa e obra de Cristo caem por terra, e permanecem basicamente não entendidos nesta teologia.⁴⁹

O romance em apreço também defende que o imperador Constantino, no século IV, é o responsável pela “invenção” da idéia de Jesus como o Filho de Deus. Esta idéia é uma premissa fundamental em OCDV. O que Brown não leva em conta é que Constantino não “inventou” absolutamente nada. O que Constantino realmente fez foi sancionar a vitória do partido da ortodoxia cristológica no Concílio de Nicéia⁵⁰. Ao contrário do que diz Brown, a posição ortodoxa que prevaleceu em Nicéia foi vitoriosa por ampla e folgada maioria. De modo que é possível afirmar, sem medo de errar, que sempre houve, desde a aurora do cristianismo, a crença em Jesus como o Messias, o Filho de Deus. Há mais que vasta bibliografia a respeito. Por exemplo, Hurtado⁵¹ em alentado volume de 832 páginas, mostra como a crença e aceitação da divindade de Jesus sempre aconteceram na história do cristianismo de modo natural, jamais algo tardio, jamais uma imposição política de um imperador romano. Outra obra erudita de fôlego que mostra como indubitavelmente os primeiros cristãos criam piamente em Jesus como

⁴⁸ C.S. LEWIS, *Cristianismo puro e simples*, São Paulo: ABU Editora, 4ª edição, 1992, p. 29.

⁴⁹ BONHOEFFER apud BRAATEN, *op. cit.*, p. 10.

⁵⁰ Para um relato sério sobre o Concílio de Nicéia, consultar, *inter alia*, M. NOLL, *Momentos decisivos na história do Cristianismo*, São Paulo: Cultura Cristã, 2000, pp. 51-70.

⁵¹ L. HURTADO, *Lord Jesus Christ: devotion to Jesus in earliest Christianity*, Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

o Filho de Deus é o também alentado texto de Wright⁵². Em 740 páginas de pesquisa séria, Wright mostra o que verdadeiramente era a crença dos primeiros cristãos a respeito de Jesus. Evidentemente, a crença dos primeiros cristãos a respeito de Jesus nem de longe se parece com o que se encontra em OCDV.

A revisão de Jesus feita em OCDV inclui o casamento dele com Maria Madalena. Conforme pensa Brown, todo e qualquer judeu tinha que ser casado. Só que, para atender aos interesses da corrente que, conforme o livro, tornou-se vitoriosa na história do cristianismo, todos os vestígios do casamento de Jesus e Madalena foram apagados pela igreja (ou, conforme Brown freqüentemente prefere, o “Vaticano”). De acordo com o autor de OCDV, o cristianismo “vitorioso” tem aversão ao sexo, e por isso escondeu os relatos sobre a vida íntima de Jesus e Madalena.

Os evangelhos canônicos são claros em dizer que Jesus não se casou. Não há nada de aversão à sexualidade no celibato de Jesus. Uma leitura do Antigo Testamento (a *Tanach* dos judeus), posto que superficial, mostra como a sexualidade não é “tabu” em Israel, na vida dos fiéis em Aliança com o Eterno. Ao mesmo tempo, o judaísmo do Segundo Templo não tinha problema algum com judeus que optavam pelo celibato. Homens judeus celibatários não eram desconhecidos nem mal vistos no tempo de Jesus.

Resumindo: OCDV desfigura a pessoa e a obra de Jesus Cristo. O que apresenta não tem qualquer fundamento histórico. A releitura que faz de Jesus, conforme os postulados do MNE, é bem ao gosto da sociedade contemporânea, avessa ao que considera “dogmatismos” de qualquer espécie.

Conclusão

A obra em apreço encaixa-se como uma luva neste tempo de pluralismo cultural em que vivemos⁵³. A reconstrução radical da figura de Jesus e, conseqüentemente, a tentativa de desconstrução que faz da cristologia ortodoxa histórica, somadas a um novo conceito de Deus são mostras deste pluralismo. Em OCDV, Dan Brown, conscientemente ou não, trabalha com pressupostos da espiritualidade do MNE. Por trabalhar com a temática do feminismo em sua versão extremada, o livro agrada leitores contemporâneos

⁵² N.T. WRIGHT, *The Resurrection of the Son of God*, Philadelphia: Augsburg Fortress Publishers, 2003.

⁵³ Newbiggin define o pluralismo como uma característica da sociedade secular, que quer ser livre da crença em qualquer dogma, e mais que isso, sujeita todo e qualquer dogma a um escrutínio crítico, e não raro, cético. Cf. L. NEWBIGGIN, *The Gospel in a Pluralist Society*, Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 1.

(dificilmente um *bestseller* trata de qualquer tema em perspectiva reacionária ou conservadora). Tais fatos ajudam a explicar como o livro está fazendo tanto sucesso, não obstante ser tão eivado de erros, inconsistências e incoerências. Não obstante, por apresentar uma “teoria da conspiração” com ares de suposta erudição e seguindo a receita de como escrever um *bestseller*, consegue espalhar falsidades a respeito do Novo Testamento e da história de Jesus.

No entanto, há que se ter em mente que esta não é a primeira, e decerto não será a última vez que a pessoa de Jesus sofre ataques tal como o desferido por OCDV. Mas acima de tais ataques está a verdadeira pessoa de Jesus, conforme retratado nos evangelhos canônicos, não conforme a estranha e inverídica reconstrução feita em *O Código da Vinci*.

Carlos Caldas Filho, Graduado em Teologia (Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, SP) e em Letras: Português/Inglês (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caratinga, Caratinga, MG), Mestre em Missiologia pelo Centro Evangélico de Missões (Viçosa, MG) e Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo). Leciona na Escola Superior de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo.

Endereço: R. Major Sertório, 727/901
Vila Buarque
01222-001 São Paulo – SP.
e-mail: ccaldas@mackenzie.com.br